

A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Jéssica da Silva Neves e Fabiana Fátima Silva

Secretaria Municipal de Educação - Mogi das Cruzes

Este relato busca expor algumas medidas adotadas para se criar uma escola inclusiva. Ele apresenta como a Escola Municipal Dr. Benedito Laporte Vieira da Motta e seus professores de Educação Física buscaram a construção de um projeto de educação inclusiva a partir das necessidades e condições dos alunos com deficiência. De modo que estes sejam incluídos nas aulas de Educação Física, como também, que os demais alunos compreendam e participem do processo de inclusão.

Atendendo alunos do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental, adotamos o modelo de Escola de Tempo Integral em 2010, e como com aulas de educação física, utilizando modalidades esportivas diariamente, sendo elas, atletismo, basquetebol, caratê, futsal, handebol, judô e xadrez, sendo que as turmas do segundo ao terceiro ano cursam quatro dessas modalidades e as turmas do quarto e quinto ano cursam cinco dessas modalidades. Apesar de se tratarem de modalidades esportivas específicas, os objetivos são escolares e tratamos como aulas de Educação Física, utilizando os respectivos conteúdos.

Os professores possuem uma reunião diária por período, onde é possível planejar e preparar as aulas, em alguns momentos, e em outros dois dias são realizadas reuniões de formação com a equipe de Educação Física. Nelas foram levantadas algumas questões para que fosse possível o processo de inclusão, discutindo ou estudando alguns tipo de deficiência (física, auditiva, intelectual), situações e possíveis intervenções, o que serviu como base para o desenvolvimento das atividades diárias.

A partir das reuniões, percebeu-se a necessidade em avançar nos estudos referentes as deficiências. Constantemente nos referimos a dois fatos entrelaçados. O primeiro fato é o senso comum, amparado pelo significado linguístico do nosso vocabulário, por vezes nos afastando dos conceitos e trajetórias até aqui discutidos. O segundo fato é a troca de experiências por meio do diálogo. Assim, as experiências em casos de inclusão, que tanto podem favorecer o trabalho com pessoas com deficiência.

Então a construção do projeto se tornou coletiva. Primeiramente, apresentamos relatos e as diferentes estratégias que esses professores utilizaram com os alunos com deficiência. O próximo passo foi reorganizar as aulas a partir do debate a respeito da abordagem da Educação Física, os objetivos e os métodos do plano.

Para tanto, foram elaboradas questões sobre o tema, depois foram respondidas coletivamente a partir de conhecimentos prévios sobre o tema: o que denominamos por inclusão e adaptação; quais eram os alunos em questão; quais atividades programadas para

eles; quais as dificuldades; estratégias e sugestões; quais mudanças surgiram no nosso plano; e quais os problemas que o esporte apresenta. Ao relatarmos as diversas aulas e atividades destacamos as interpretações dos alunos, por vezes expressando verbalmente, corporalmente ou escrita.

Elencamos atividades e objetivos, debatendo e refletindo tanto sobre a coerência delas como também as dificuldades encontradas. O procedimento seguinte foi buscar na literatura o que já se discutiu sobre o tema.

Desde o início do ano, atendemos dois alunos cadeirantes e três alunos surdos. Os alunos cadeirantes têm comprometimento apenas nos membros inferiores, sendo totalmente possível a exploração dos movimentos nos membros superiores, tronco e cabeça. Os alunos surdos não são oralizados e não possuem conhecimento da Língua Brasileira de Sinais, entretanto os mesmos são alfabetizados, facilitando assim a comunicação. Todas as deficiências apresentadas são congênitas.

Nas modalidades esportivas, somente uma aluna cadeirante apresenta dificuldades motoras, por mostrar no começo do processo de aprendizagem um desinteresse característico. Os demais alunos mostram-se muito interessados pelas atividades e as realizam de forma eficiente.

Em relação ao convívio desses alunos com os demais, pode-se dizer que as deficiências não interferem em nenhum aspecto. Os alunos não são somente aceitos pelos demais como convivem do modo mais igualitariamente possível. Apesar de serem colegas de escola desde a Educação Infantil, podem se afastar deste convívio igualitário nas atividades que envolvam desempenho e que são tradicionais nas aulas de Educação Física.

Para promover a igualdade, que pode também ser entendida como justiça social, é possível adaptar as atividades para facilitar a realização delas. Mas, tal adaptação pode, por vezes, atingir efeito contrário ao que pretendemos, podendo colocar os deficientes em evidência perante a turma, bem como colocá-los em vantagem ou desvantagem dependendo da incoerência na adaptação, como descrito na fala abaixo. Nem sempre se faz necessário que a atividade seja alterada. É importante deixar que o aluno crie suas estratégias de forma autônoma. Durante nossas aulas de atletismo, por exemplo, deixamos que nossos cadeirantes (Vitor e Ingrid) realizem o salto da maneira com a qual eles mais se identificam, buscando assim suas próprias soluções.

Aluno 2ª ano: "do jeito que o Vitor (cadeirante) faz é mais fácil"

Quando for necessária alguma alteração, pode ser muito importante que todos da turma compreendam a razão, inclusive os próprios alunos com deficiência, evitando qualquer sentimento de exclusão. Ao aplicar uma atividade diferenciada destinada ao aluno com deficiência acaba-se por distingui-lo. Essa segregação já foi percebida pelos demais alunos. Os

alunos com deficiência também percebem, e podem aderir ou rejeitam as atividades diferenciadas.

Aluno 2º ano: “posso fazer igual o Vitor (cadeirante)?”

A razão da adaptação é a necessidade de se atingir determinados objetivos por outros caminhos mais acessíveis, porém diferencia a pessoa que realiza as atividades e às vezes a afasta dos demais e das atividades deles, ainda que todos os alunos realizem a mesma atividade.

Aluno 5º C: “como que a Ingrid pode fazer?” (referente ao salto em distância)

Portanto, para uma educação inclusiva não basta adaptarmos as atividades, é necessário propor objetivos e métodos atingíveis tanto pela turma que possui pessoas com deficiência como pela turma que não os possui.

Para que as aulas sejam dentro de uma perspectiva inclusiva as atividades são ministradas de forma que todos compreendam, levando em consideração a necessidade de cada um, inclusive os alunos surdos. Procuramos sempre transmitir o conteúdo programado para as turmas e deixar os alunos vivenciarem da maneira como compreenderam a explicação. Assim, podemos observar até que ponto a aula está sendo compreendida e quais dificuldades estão sendo apresentadas. Daí, podemos adaptar a atividade ou elaborar as próximas aulas, de acordo com a dificuldade que os alunos apresentaram, independente se o aluno tem alguma deficiência ou não.

Desta forma, os alunos conseguem compreender que todos são diferentes e podem apresentar alguma dificuldade, mesmo assim, a atividade pode ser concluída se as oportunidades necessárias para o desenvolvimento da aula forem oferecidas.

Em relação aos alunos surdos, notamos que a dificuldade não estava relacionada à execução dos movimentos nas atividades, e sim ligada aos nomes e significados das palavras, pois os alunos não dominam a Língua Brasileira de Sinais; entretanto, eles apresentam um bom conhecimento do alfabeto escrito e manual. Assim, usamos uma espécie de esquema de estímulos, com o intuito de fazer com que os alunos chegassem à relação movimento/nome: estímulo visual (prática) somada a escrita, resultando a compreensão (o que o levará a possibilidade de comunicação).

No futsal, por exemplo, em uma sequência de aulas focando o posicionamento, foi feito, junto com a explicação geral para toda turma, a datilografia das posições. Após foi desenhada a quadra de futsal, e explicado as posições os jogadores.

Ao final da aula, o aluno deveria colocar placas com o nome das posições em seus respectivos lugares e os amigos da turma deveriam dizer se estava certo ou errado. Essa prática foi repetida em outras aulas, com o aluno sempre fazendo a datilologia para a fixação.

Uma vez fixadas as posições, é dado um novo passo: explicar o que cada jogador em sua determinada posição faz. Notamos que o método foi muito eficiente devido a compreensão rápida apresentada pelos alunos, até porque os mesmos apresentam uma percepção espacial ampliada, comparado aos demais alunos.

Os alunos cadeirantes têm comprometimento físico apenas dos membros inferiores, possibilitando assim o bom aproveitamento dos demais movimentos. Por se tratar de patologias congênitas, não há a necessidade de reaprender um determinado movimento. O que eles aprendem já está inserido dentro de suas possibilidades e capacidades.

Desta forma, no decorrer de nossas aulas, apresentamos nossas atividades de forma geral e os alunos executam à sua maneira. A partir daí, as adaptações são feitas, atendendo às exigências de cada aluno, sendo ele deficiente ou não.

Nas aulas de corrida com obstáculos, os alunos tinham que executar o movimento de corrida e após, saltar uma corda, onde a altura era regulada de acordo com cada aluno.

O aluno Vitor, fora da cadeira executou a “corrida” e ao se aproximar da corda achou como melhor saída rolar por debaixo da corda e dar continuidade a “corrida”. Sabendo que o aluno tem muita força nos braços, foi proposto que ele tentasse “saltar” a corda com o auxílio dos braços. Ele foi experimentando o movimento até encontrar a melhor maneira de executar: aproximou-se da corda em velocidade e, com as mãos no chão, ele elevou o tronco, lançando-se para o outro lado da corda, após deu continuidade para a sua “corrida”.

CONSIDERAÇÕES

Até então, mesmo antes do final do curso, pode-se destacar duas considerações preliminares. A primeira diz respeito as adaptações. Não basta adaptar para incluir, é necessário que se faça um trabalho onde todos os inseridos possam experimentar as diversas possibilidades e compreendam as necessidades de cada um. A segunda nos leva a pensar que a adaptação está mais envolvida com a escola do que com a atividade, visto que a inclusão só é possível uma vez que todos trabalhem e caminhem para o mesmo fim, para o mesmo ideal.

Assim, a Educação Física passa a ter um sentido mais amplo; ao trabalhar com os alunos com deficiência percebe-se que é possível que todos os alunos alcancem os objetivos das aulas. Para isso os professores buscaram oferecer as oportunidades cabíveis, tanto para os alunos com deficiência como para os demais alunos da turma e/ou escola, levando todos a perceber e compreender que as adaptações devem ser feitas quando necessário.

A questão que nos motiva a trabalhar em uma educação inclusiva vai além da forma de atendimento a pessoas com deficiência, pois **nos faz reformular o próprio projeto de ensino e concepções sobre a área da Educação Física**. Mas, não basta apenas a área de Educação Física em que, em um determinado momento, os alunos com deficiência sejam incluídos em certas atividades. A escola tem que adotar de forma mútua a ideia de inclusão e adaptação. Esses alunos têm de ser incluídos a todo instante e em todas as situações, pois os mesmos fazem parte daquele meio e, como os demais, têm direitos e deveres a serem cumpridos.

Esse trabalho resultou na mudança de olhar, tanto dos professores como dos alunos, possibilitando uma nova forma de observar e de avaliar o comportamento e desenvolvimento de forma geral dos alunos.

